

a propósito de "A CRIAÇÃO DO MUNDO"

(Os dois primeiros dias) — de Miguel Torga

por AFONSO RIBEIRO

Portugal é o país do saudosismo, o que importa dizer do passado. Realmente, uma boa parte da vida levamo-la voltados para trás, para o que ficou. E nesta atitude, sumamente fácil e improdutiva, ora erguemos as mãos aos céus, deslumbrados (às vezes caímos de cócoras), ora increpamos os deuses e bate-mos o pé, o seio a transbordar desespero. Daí, por atavismos de temperamento, língua de senso crítico e preguiça mental, com ruído e muita inconsciência carpimos a hora presente. Nas artes, nas ciências, em qualquer campo do pensamento, especulativo ou não, sempre os mesmos choros inconsoláveis, a mesma nostalgia por *ontem*. Tudo o que se concebe ou se realiza é mau e é péssimo. Em contra-partida, tudo o que se concebeu ou realizou era bom e era ótimo. Por forma que uma obra — salvo raras exceções — só depois do seu autor ir para o túmulo, começa a ter valimento. Mas, então, os louvores sobem de todos os peitos, tecendo em tórno do *saudoso, do genial extinto* uma auréola de fama que, como um grande facho, fica a brilhar através das idades. Sómente tal reviravolta no aquilatar do mérito dos homens, em vez de reflectir um estado de espírito, significa apenas uma adoração perante a morte.

Pecha velha, ela agravou-se nos nossos dias a pontos de ser já lugar-comum o dizer-se que, após o advento do século XX, a humanidade caiu em sonolência criadora. Chega mesmo a afirmar-se que dos cérebros, como das minas exaustas, nada mais há a esperar. Que o mundo eternamente morreu para as coisas da inteligência. E os corações sofrem, as almas alagam-se de amargura e todos, com vontade ou sem ela, nos julgamos a viver entre cadáveres.

Mais, porém, do que qualquer outro sector visa esta crença na descrença a literatura. «Já não há escritores!» — e o eco lacrimoso de tal afirmação rebôa pelos ares, estende-se das cidades às vilas, às aldeias, aos logarejos e logo, à uma, os que receberam esse eco, repetem num desalento infinito: «Já não há escritores!» Não obstante, nada de mais falso. Podemos não ter, e de facto não temos, um numeroso lote de homens de letras que nos dê, através da sua arte, uma síntese de beleza nova ou de verdade profunda. Certo ainda ser a maioria dos prosadores e poetas que por aí pululam tão falhos de individualidade, tão desoladamente chilros e iguais que, além de nos não transmitirem a mínima emoção, ainda, por

cima, nos deixam duvidosos sobre se tais nacos de prosa e tais poemas não serão as chapas — com por menor a mais, por menor a menos — de outros poemas e outras prosas lidas algures e algures, muitas vezes. Isto, entretanto, deu-se sempre, numa escala maior ou menor, em tôdas as épocas. Porque o talento (o génio é luz rebelde que só de longe em longe se eleva da Terra) não é xarope que se compre na farmácia e se emborque às colherinhas, afundado num *maple*. Os pés estendidos para o fogão. Nem são tão pouco as linhas laudatórias que a imprensa diária, do alto da primeira página, nos leva a casa por quarenta centavos. Não, nada disso. Uma personalidade de escritor — com os outros artistas passa-se o mesmo — forja-se à custa de mil esforços obscuros, de uma perseverança tão grande e tão maravilhosa, que jámais um leigo, por mais que tente, a compreenderá.

Ora precisamente neste labor profundo — e na ausência de auto-crítica — reside, íamos jurar, a causa-mater dos fracassos verificados hoje, ontem e sempre, numa grande parte da literatura portuguesa. Dir-se-ia que o nosso temperamento, todo de impulsos e superficialidades, com pendor demarcado para as lentejoilas e guizalhadas, se atemoriza, se retrai e esmorece, logo que o fogo-fátuo dos arrebatamentos há que dar lugar a um jôgo de raciocínios demorados. Ao lado destes prejuizos, um outro de vulto, também: a questão da língua. Os filólogos, os amáveis filólogos conhecidos por nós todos, afirmam alto que a língua pátria é rica e é única capaz de retratar não só o mundo objectivo, mas ainda tôda a trama dos sentimentos mais subtis. Que isto é menos verdadeiro, que a nossa língua carece, além do mais, de precisão e elasticidade, ninguém, a começar por eles, o ignora. Contudo raros são os que, inconformados com a falsidade, vêm a público protestar contra ela. Porque a mentirinha compraz ao nosso orgulho de descendentes de Vasco da Gama, Pedro Alvares e Albuquerque? Porque a nossa atitude natural é de inércia e indiferença? Não sabemos. Lembramos unicamente que a ilusão agrada ao homem. E ao português mais do que a nenhum.

A-pesar, porém, de tais mazelas serem feia a prender os movimentos à literatura lusa, é ainda assim no único campo artístico onde, melhor ou pior, ombreamos com os de fora. É incontestável que outros, os franceses mórmente, compõem com superior per-

feição. Mas que admira se o material de que dispõem, a sintaxe à frente, os ajuda imenso? Estes empecilhos, de resto, não são de hoje nem de ontem — são de sempre. Afirmar mesmo que nas últimas décadas, sobretudo com Eça e Fialho, êles decresceram em quantidade e extensão, é afirmar uma verdade comezinha.

Quanto aos escritores contemporâneos, vamos lá, que os passadistas gemem, desolam-se, arrancam os cabelos, mas sem razão. Os nomes a apontar são poucos? É certo. Mas Aquilino e Ferreira de Castro, os dois, apenas, não bastariam para marcar e pôr em relêvo um período literário do país onde as celebridades idas (algumas presentes nem se fala) contam, na sua maioria, pés de barro?

Aquilino e Ferreira de Castro são, não há dúvida, dois prosadores invulgares. O primeiro tratando de assuntos de sabor mais ou menos local num estilo feiticeiro; o segundo inclinado a temas de carácter universal, menos condicionados ao tempo e ao espaço. Um subjugando pelo poder de expressão, rica e equilibrada como talvez ainda não houvessem parelha; o outro prendendo pela humanidade das suas páginas.

Há que ver, todavia, que o panorama literário português contemporâneo não conta só com êstes dois nomes. Alguns mais, sem serem do domínio do grande público, se vêm firmando dia a dia. José Régio, que através das suas lutas íntimas, das suas dúvidas muito pessoais, procura compreender o Homem — é um desses. Miguel Torga, razão de ser destas linhas — é outro.

//

Miguel Torga não é o que vulgarmente se chama um principiante. Mas não é tão-pouco um consagrado. Estreou-se em 1930 com o livro de poesias — *Rampa* — e até à data tem publicados, entre poesia e prosa, sete volumes, sendo o último — *A Criação do Mundo (os dois primeiros dias)*.

A Criação do Mundo são 160 páginas de recordações. Bem encadeadas? Nem sempre. Uma vez por outra, o autor quebra o fio à narração, intercala um facto de somenos importância, para, depois, a reatar. Este defeito, para nós é defeito — nota-se mais na primeira parte da obra, possivelmente pelas reminiscências da época que evoca estarem mais confusas na memória do autor. Afora isto, porém, Miguel Torga só merece parabéns. É um prosador com quem tem de se contar. Poderoso, claro, sem os preciosismos de linguagem que tantas vocações têm perdido, deve, quando tentar trabalho de mais fôlego, ocupar um posto de destaque nas nossas letras. Dos novos escritores é mesmo, crêmos, dos de mais largo futuro.